



Paschoal Lemme: o educador na família, na escola e na sociedade*

*Maria Lucia Lemme Weiss***



Fonte: Arquivo Proedes/UFRI



O ano de 1932 foi marcante na vida de Paschoal Lemme, meu pai. Três sonhos se realizaram neste ano: ter uma filha, consolidar sua própria escola e participar de um ato público em prol da melhoria da educação pública no Brasil o Manifesto dos Pioneiros da Educação, o documento “A Reconstituição Educacional no Brasil”. Nasci nos fundos de sua escola o Instituto Brasileiro de Educação, na

rua Marques de Abrantes, no Flamengo, Rio de Janeiro. Era uma escola de vanguarda para a época.

Sempre foi uma pessoa íntegra que manteve coerência entre suas idéias e sua prática, tanto na família quanto em sua escola. Procurava aplicar idéias educacionais em que acreditava, transmitir os valores que apreçoava na vida pública. Paralelamente à nossa formação cultural, comprava, lia e

* Conferência proferida no VI Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sudeste (Anped), realizado na UERJ, em 3 de maio de 2004.

** Doutora em Educação, Professora Aposentada da UERJ. E-mail: mlweiss@openlink.com.br.



fazia a minha mãe e os professores da escola lerem sobre higiene e puericultura, psicologia, educação em geral, educação alimentar, sexual etc. como comprova sua biblioteca, rica em diversidade, com mais de 10 mil livros, doada parcialmente ao Arquivo Edgard Leuenroth da Unicamp. Essa mesma atitude teve quando inspetor escolar, como gerente de treinamento de professores em diferentes locais e níveis de ensino e em outros momentos em que esteve na administração de educação pública. Sempre com seus poucos recursos financeiros, doava livros de literatura, livros esses que foram constituir a biblioteca do Clube de Jovens criado em sua escola para ocupar os jovens nos fins de semana, atitude pioneira nos idos anos 30 do século passado. Para nós, filhos, havia sempre um presente de livro, com dedicatória, nos aniversários, Natal e pela promoção escolar no fim do ano letivo. Não aceitava nenhuma escola sem biblioteca escolar e professor que não fosse um bom leitor, que não tivesse hábito de estudo, não procurasse os cursos que organizava na administração pública de ensino.

Crescemos usando os brinquedos pedagógicos na linha educacional de Perrelet, Piaget, Decroly e outros, tudo isso resíduo do material pedagógico da escola de seus sonhos, muito avançada para a época que, por não ter um lastro financeiro, faliu, deixando para nossa família pesada dívida assumida por mais de dez anos.

Criou em todos os seus seis filhos hábitos de leitura e estudo, influenciando

também a formação dos netos. Pacientemente, organizava conosco o caderno de estudos do exame de admissão, onde deveríamos fazer resumos, quadros sinóticos, de todas as disciplinas do concurso ao Ginásio. O caderno era o mesmo, começou com o filho mais velho e foi descendo. Nossa mesa de jantar era o palco de discussões culturais e políticas, dando-nos a consciência do significado de cidadania politicamente correta, abrindo nossos olhos para os problemas brasileiros e do mundo. Teve essa mesma atitude em todas as atividades públicas de educação em que participou, lutando por uma visão mais ampla de Brasil e de mundo, indo além do simples fazer pedagógico e discussões teóricas de educação. Afirmava, corajosamente, quando ainda era a educação “a mágica para o progresso do Brasil”, que somente uma sociedade verdadeiramente justa, livre das desigualdades sociais poderia gerar uma escola de qualidade para todos.

Acompanhamos sempre sua vida pública, sua prisão na década de trinta, a solidariedade dos amigos nos amparando financeira e afetivamente, as preces da minha mãe para que Santo Antônio o libertasse, os “tiras” da ditadura invadindo nossa casa, capturando livros e a nossa indignação infantil em relação ao que achávamos que era um roubo dos livros dele.

Quando trabalhou na sessão educacional do Museu Nacional (1943-1947), fechado há vários anos, lembro-me que além



de lutar no desenvolvimento do setor de educação e da Revista do Museu realizou trabalho braçal de limpar, arrumar vitrines e exposições, chegando mesmo a dormir no prédio junto com outros técnicos. Conseguiram esses, sob o comando de Heloisa Alberto Torres, reabrir o Museu Nacional em prazo por eles próprios definido, apesar da sabotagem de algumas equipes internas.

Posteriormente, no Ince (Instituto Nacional de Cinema Educativo), também foi além de sua área de Educação através do cinema. Junto com Bandeira Duarte viajava na busca de roteiros dos filmes educativos para que os mesmos fossem histórica e politicamente corretos, representassem a realidade do Brasil e não ficção histórica. Discutia as questões que via com a equipe, com Humberto Mauro e o diretor Dr Pedro Gouveia Filho. Na falta de técnicos, chegou a gravar como locutor alguns filmes educativos.

São alguns exemplos de sua coerência e dedicação total à Educação pública, indo além da teoria, qualquer que fosse o órgão público em que trabalhasse. Considerava que o funcionário público deveria servir sempre ao povo brasileiro e não aos seus interesses pessoais e momentâneos.

Como educador sem preconceitos tanto fez viagens de estudos para os Estados Unidos, Universidade de Michigan, como para a União Soviética, China, Polônia etc., passando a “Cortina de Ferro”. Detestava que lhe dessem rótulos de educador de

“esquerda” ou “marxista”, achando que isso já era preconceituoso, estereotipado. Defendia assim a possibilidade concreta de se discutir a Educação no Brasil com parâmetros mais reais em função de um território continental, desigualdade de classes, de uma diversidade econômica e cultural. Percebia que essas dimensões tornavam inócua a aplicação de algumas leis gerais de educação. Sempre repetia em suas falas que “componente final e decisivo para a conquista de uma Educação verdadeiramente democrática é a luta permanente pela transformação da sociedade no sentido democrático. Sem sociedade democrática não há Educação democrática”.

Acreditava na importância dos trabalhos manuais, nas oficinas nas escolas, dentro do currículo e, posteriormente, no ensino profissionalizante. Nas reformas de ensino em que participou, lutou pela valorização dessa área. Possuía grande acervo de livros sobre o assunto na área teórica e prática. O que dizia fazia conosco, em nossas casas aqui no Rio, sempre construía com suas próprias mãos, auxiliado pelos filhos mais velhos, um galinheiro ou um viveiro e, posteriormente, construiu todos os móveis de nossa casinha na serra, no município de Paty do Alferes, não só pela falta de dinheiro, mas acima de tudo pelo prazer de nos ensinar a trabalhar com as mãos e não só com a cabeça. Guardo sua imagem com martelo, serrote, pregos na mão, sempre construindo alguma coisa com caixotes, portas e janelas velhas.



Muito contido em suas emoções em público, derramava sua afetividade escrevendo cartas para todos nós, sempre com uma palavra significativa para cada um. Por menor que fosse o afastamento temporal ou geográfico das suas crianças, escreveu poesias para minha mãe, dedicatórias nos livros com que a presenteava para a “Biblioteca do nosso amor”, e acima de tudo assinava nos livros de literatura passagens de extrema ternura que poderiam ser projeções de sua alma. Afirmava sempre que só através da literatura se poderia conhecer a alma humana. Já aos 90 anos e com dificuldades visuais comprava e lia os melhores lançamentos da literatura nacional e estrangeira, “devorando” de dois a três livros por semana.

Tinha por hábito ler, sistematicamente, os jornais do dia e as revistas semanais mais importantes do Rio, sendo participante ativo das chamadas “colunas do leitor”. Costumava dizer que esta era a “única tribuna” que lhe franqueavam. As discussões políticas na demorada fila para comprar os jornais, na cidade de Paty do Alferes, custaram-lhe a perseguição política e a detenção na Revolução de 1964.

Acredito ser importante ressaltar, na personalidade de Paschoal Lemme, como filho de imigrantes humildes, e sem ter tido vida acadêmica universitária ou mesmo um curso superior completo, o fato de ter se

tornado um autodidata de ampla cultura. Usando os seus próprios recursos intelectuais e materiais, tornou-se possuidor de uma considerável cultura humanística, vindo inclusive a assessorar importantes personalidades da política e da educação em nosso país, além de ser conselheiro permanente de filhos, netos, amigos e vizinhos, mesmo em idade avançada. Nada falava em educação sem se apoiar em seus conhecimentos de ciências sociais e outras áreas como demonstram os seus livros cheios de citações, sempre para contextualizar o que expunha. Após seus 80 anos, recebia com muita satisfação o pedido de ajuda na orientação informal de teses de mestrado e doutorado através de correspondência e algumas entrevistas, momento em que emprestava seus livros e doava material.

Nesta oportunidade, homenageio a Paschoal Lemme, meu pai, que com suas idéias e sentimentos ao longo de seus 92 anos de vida, foi exemplo de coerência, seja no âmbito da família seja no âmbito da vida pública, lutando sempre por melhor educação pública no Brasil.

Acredito que sem ter lido o documento da Unesco de 1996, intitulado “Educação – Um tesouro a descobrir”, Paschoal Lemme, educador, trilhou sua vida alicerçado nos quatro pilares da educação: *aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser*.